

Sufrimento Psíquico e Cuidado Com Universitários: Reflexões e intervenções fenomenológicas

*Suffering and Care for College
Students: Reflections and
phenomenological interventions*

Shirley Macêdo

Resumo

O presente artigo objetiva lançar um olhar fenomenológico sobre o fenômeno do sofrimento psíquico do estudante universitário na contemporaneidade, e, considerando a experiência da autora em docência, supervisão e coordenação em projetos de extensão voltados a essa comunidade, descrever possibilidades de ações interventivas de cuidado. Discorrendo sobre a relação entre o sofrimento psíquico, a cultura da alta performance e a fragilização da solidariedade nas universidades, a autora reflete que a errância do cuidado nesse contexto possa se dar pela carência de relações interpessoais concretas, sentidas, vividas, estando o sujeito fadado a não encontrar eco que o ajude a tecer coletivamente um sentido. Propõe, portanto, intervenções em grupo, como possibilidades para pessoas continuarem produzindo sentido, junto com outras, de maneira mais potencializadora e agregadora de valor à vida humana.

Palavras-chave

Sufrimento Psíquico, Formação Superior, Cuidado.

Abstract

This article aimed to present a phenomenological view on the psychic suffering of college students in contemporary times, and considering the author's experience in teaching, supervising and coordinating extension projects aimed at this community, to describe possibilities for interventional care actions. By discussing the relationship between psychic suffering, the culture of high performance and the weakening of solidarity in universities, the author reflects that the wandering of care in this context can be due to the lack of concrete, felt, lived interpersonal relationships, with the subject doomed to find no echo that helps him/her to collectively weave a meaning. It proposes, therefore, group interventions, as possibilities for people to continue producing meaning, along with others, in a more potent and value-adding way to human life.

Keywords

Psychic Suffering, Higher Education, Care.

Shirley Macêdo

**Universidade Federal do
Vale do São Francisco**

Doutora em Psicologia Clínica.
Docente do Colegiado de
Psicologia, do Programa de Pós
Graduação em Dinâmicas de
Desenvolvimento do Semiárido e
da Residência Multiprofissional
em Saúde Mental da Universidade
Federal do Vale do São Francisco
– UNIVASF.

shirley.macedo@univasf.edu.br

Introdução

Desde 2000, venho atuando como professora e supervisora de estágios em serviços escola de Psicologia, em instituições privadas ou públicas. Nesses quase 20 anos de atuação, muitos universitários procuraram esses serviços, no entanto, até pouco tempo, as demandas giravam, basicamente, em torno de problemáticas familiares, conjugais, conflitos relacionais ou mesmo incertezas quanto ao futuro profissional.

Nos últimos quatro anos, contudo, as demandas, cada dia mais, são relacionadas a um vazio de sentido e, muitas vezes, os estudantes não conseguem nomear a dor e expressar o que sentem. Aportam no serviço escola onde estou lotada hoje (o Centro de Estudos e Práticas em Psicologia – CEPPSI – da Universidade Federal do Vale do São Francisco-UNIVASF), alegando: depressão, ansiedade, pânico, autolesão, e/ou comportamento suicida. Todas essas queixas e demandas têm se constituído desafios para os profissionais de saúde e educação da instituição.

Refletindo sobre a interface entre os modos contemporâneos de subjetivação e as procuras pelo Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Ewald, Moura e Goulart (2008) argumentaram que é preciso compreender como a conjuntura social contribui para os tipos de queixas e demandas das pessoas. Destacaram que o sujeito na contemporaneidade passa por três grandes crises: de sentido, de trabalho e de identidade. São, resumidamente, crises de certezas que desalojam o sujeito, que passa a não saber responder ao problema de sentido. Dessas crises, resultariam, segundo os autores, sujeitos ditos depressivos, drogadictos, anorexos, ansiosos, fóbicos, estressados, perversos, solitários, indecisos, fracassados; sujeitos vazios de sentido e valor.

Rocha (2012) contextualizou as demandas contemporâneas como errâncias na capacidade de desejar. Dando destaque à condição de violência atual, defendeu que o sujeito contemporâneo é portador de sentimento de impotência diante das elevadas exigências de desempenho e, sendo livre, pode tanto investir na sua tendência criadora de vida e amor, quanto nas destruidoras, sendo capaz de aniquilar aquilo que ele mesmo construiu. Enfatizou uma das grandes perdas desse sujeito, a de referenciais simbólicos, que deu lugar ao relativismo e ao individualismo, pois cada um passou a tomar conta de si, favorecendo o enfraquecimento do espírito de solidariedade; a fragmentação dos laços afetivos e amorosos que dominam a sociedade contemporânea; assim como o esvaziamento subjetivo e a perda da capacidade de alguém pensar, sentir e agir como sujeito.

Gaulejac (2015), numa perspectiva psicossocial, referendou que os modos de ser contemporâneos levam ao isolamento. Diríamos também que, além disso, as crises contemporâneas parecem levar as pessoas a processos como o silenciamento do sofrimento psíquico intenso, favorecendo, daí, comportamentos autolesivos, depressivos e/ou suicidas.

Em tempos ditos líquidos, onde os seres humanos não têm rede de segurança digna de investimento afetivo e esforço, os laços estão frágeis, as atitudes competitivas se intensificam, a colaboração e o trabalho em equipe se enfraquecem; a vida se torna fragmentada, as incertezas quanto ao futuro se instalam, surgem os indivíduos free-choosers (responsáveis pelas suas próprias escolhas) e os medos e temores se intensificam, restando um desamparo sem nomeação pelo sujeito contemporâneo (BAUMAN, 2007).

Bernardy et al. (2017) defendem que, nessa forma de vida e convivência com os perigos, situam-se os jovens da chamada geração Z, os nativos digitais: sujeitos nascidos em meados da década de 1990, que tendem a organizar e entender várias informações simultâneas; preferem o mundo virtual ao real; são altamente adaptáveis a mudanças. No entanto,

segundo os autores, são imediatistas e ansiosos; têm dificuldade com hierarquia; não conseguem manter foco; e são propensos a não suportarem frustrações e pressões psíquicas.

Com este perfil, ao adentrarem o mundo acadêmico, do trabalho e das organizações, esses sujeitos podem ser muito criativos e inovadores, mas podem tender a não suportar pressões institucionais e regras não negociáveis, cumprir prazos diante de suas ansiedades, frustrarem-se com o próprio desempenho, quedando em sofrimento psíquico intenso e adoecimento, quando não, em comportamento suicida.

Padovani et al. (2014) realizaram um estudo com 3.587 universitários de ambos os gêneros e diferentes instituições. Constataram prevalência de 52,88% de sintomatologia do estresse em 783 estudantes; 13,54% de sintomas ansiosos em 709; e 39,97% de sofrimento psicológico significativo em 1.403 graduandos. Os dados comprovaram a vulnerabilidade dos universitários e apontaram para a necessidade de ampliar a discussão em torno da saúde mental deles, assim como desenvolver programas de prevenção e intervenção nas instituições de ensino superior do País.

Graner e Ramos-Cerqueira (2017) fizeram um levantamento em 1.375 artigos produzidos nos últimos cinco anos e constataram indicadores de fatores de risco e proteção para o sofrimento psíquico em universitários, principalmente os das áreas de saúde. Destacaram que esses estudantes vivenciam mudanças biopsicossociais, deparando-se com aspectos estressores durante a vida acadêmica, além do que a percepção negativa do ambiente universitário promove a queda na qualidade de vida. Concluíram que intervenções podem contribuir para o bem-estar dos estudantes e estimular vivências mais positivas no ambiente educacional.

Andrade et al. (2016), pesquisando especificamente estudantes de Psicologia, encontraram indicadores explícitos de mal-estar universitário. Foram investigados 119 estudantes, 107 dos quais responderam afirmativamente terem vivência de sofrimento psíquico, e os pesquisadores apontaram a necessidade urgente de ações, por parte dos gestores universitários e das entidades que fiscalizam a formação de psicólogos.

O que teriam, então, as Psicologias, ditas fenomenológicas, a dizer não só sobre sofrimento psíquico, mas também sobre como os seres humanos se afetam na contemporaneidade, nesses novos tempos tão bem nomeados por Bauman (2007) de tempos líquidos? E o que poderíamos refletir, a partir disso, sobre sofrimento do estudante universitário nos últimos anos e propor possibilidades de intervenção?

Buscando responder esses questionamentos, o presente artigo tem o objetivo de lançar um olhar fenomenológico sobre o fenômeno do sofrimento psíquico do estudante universitário na contemporaneidade, e, considerando nossa experiência em docência, supervisão e coordenação em projetos de extensão voltados a essa comunidade, descrever possibilidades de ações interventivas de cuidado.

O desafio de escrever este artigo foi movido pela experiência cotidiana de estarmos acompanhando e tentando cuidar com esses sujeitos de suas existências na academia, encontrando formas de acolher seus sofrimentos. Estamos, assim, acatando a ideia de Holanda (2014, p. 117) de que clínica é “cuidar desse ser-sofrente, sendo esse cuidar uma atitude de estar-com- ou ser-com (Mitsein), que é um ‘ser-aí-com’ ou Mit-da-Sein”. Se formos pensar a partir de Merleau-Ponty (1908-1961), cuidar desse espaço, em que se inter cruzam experiências mundanas na academia, é cuidar no próprio mundo-da-vida, no qual já estamos ai lançados e em cuja tessitura a nossa existência se constitui. Nesse sentido, interessa-nos, nos últimos anos, pensar uma clínica do sofrimento do estudante universitário, escutando o sofrente, para, com ele, produzir sentidos no fazer diário do cuidado.

Um olhar fenomenológico sobre o sofrimento psíquico na contemporaneidade

Partimos do princípio de que, na ótica fenomenológica, a questão do sentido ocupa um lugar especial. Diante disso, necessariamente somos convocadas a tentar explicitar o sentido das situações em que o sujeito está inserido, e isso só é possível pela reflexão dos problemas existenciais com os quais o mesmo se depara. No caso do presente artigo, o sofrimento.

Costa (2014) nos dirá que o primeiro sofrimento com o qual o ser humano se depara ao nascer é o de se manter, na medida do possível, vivo. Argumenta que o sofrimento humano é complexo e multidimensional, mas, ao mesmo tempo, é uma experiência singular, própria, intransferível, que requer superação. Nesse sentido, entende que o sofrimento psíquico é essencial e inerente ao ser humano, se constrói e se expressa nas relações; é delimitado em suas manifestações, simbolizado diferentemente por diferentes sujeitos, tem suas particularidades; e, por isso, demanda compreensão singular, apoio e cuidado.

Referindo-se a uma fenomenologia do sofrimento psíquico, o autor acima escreve que “o sofrimento depende da significação que assume no tempo e no espaço, bem como no corpo que ele toca produzindo algo” (COSTA, 2014, p.50). Defende que ao homem caberia se implicar na preservação da vida, tendo, portanto, o sofrimento a função de promover essa implicação. Arriscamos acrescentar que, como bem frisa Holanda (2014), o homem se mostra como é pelo trágico, pelo sofrer.

Portanto, o sofrimento psíquico é da ordem da existência. No entanto, numa sociedade capitalista, fundada na opressão, marcada pela exploração, individualismo, competitividade e desigualdade (NETTO, 2013); numa sociedade orientada pela lógica do imperativo do gozo e da satisfação, do sucesso e da ilusão da perfeição, onde não há lugar para erros e falhas (RIGO, 2013), e onde impera a violência, o sofrimento na contemporaneidade, compreendemos, parece se tornar insuportável.

Cassorla (2017), psiquiatra, numa visão psicanalítica, nos dirá que a articulação entre a violência social e as fantasias inconscientes pode se manifestar pelo sofrimento insuportável. Parece-nos, contudo, refletindo do ponto de vista fenomenológico, que o sujeito contemporâneo, por viver a insuportabilidade do sofrimento, não dá tempo que seu tempo necessita para que ele acredite na possibilidade do futuro. Daí que o sofrimento não cumpre sua função: ser a dimensão trágica da existência, que, segundo Holanda (2014), pode ser vivida como transcendência. Mas para que isso ocorra é necessário suportar o sofrimento, por que suportar já é agir diante dele.

Holanda (2014), fundamentando-se em Paul Ricoeur, destaca que o sofrimento só tem razão de ser suportado se tiver sentido, pois só assim o sofrente persevera no esforço de existir, apesar do sofrimento. Mas porque será que o vazio de sentido exposto na introdução do presente artigo se instala, comprometendo a transcendência diante do sofrimento? Continuemos refletindo...

Recorramos inicialmente a Alvim (2015). Ela nos explica que o mundo contemporâneo é marcado pela velocidade e pela crise na experiência do espaço e do tempo. Salienta, numa ótica merleau-pontyana, que é pelo corpo que nos encontramos com o mundo e com o outro, sendo pelo corpo-tempo que o sujeito se faz e se refaz mundo e história. A partir dessas ideias, podemos pensar no corpo não só como morada do sofrimento, mas como constituinte e constituidor de uma linguagem que busca, nas relações, expressar esse sofrimento.

A mesma autora, especificamente contextualizando o mundo do trabalho, refere-se ao individualismo que anda na contramão dos espaços coletivos e do exercício da alteridade. O individualismo marcaria, então, a fragmentação e a perda de referenciais sólidos no processo de identificação. Aqui, ela busca respaldo em Bauman e Foucault, tentando compreender porque, na atualidade, o sujeito investe afeto no trabalho e na organização e não necessariamente em si mesmo e nas relações. Conclui que, em nome da eficácia, o sujeito se submete ao sistema, assumindo uma posição passiva, não permitindo a experiência da convivência com a diferença.

Entendemos que, no mundo acadêmico, alguns fatores de risco são potencializadores desse processo: distância da família, convivência com a solidão, adaptação à nova cidade e à vida acadêmica, competitividade, individualismo, vulnerabilidade social e psíquica, condições adversas de pressões contemporâneas para se manter estudando, ansiedade frente ao futuro ingresso no mercado de trabalho, dentre outras (GRANER; RAMOS-CERQUEIRA, 2017). Compreendemos que esses fatores promovem uma insegurança ontológica que pode tornar o sofrimento insuportável.

Diante desta insegurança, e considerando as exigências de rápida adaptação às mudanças contemporâneas e o imediatismo de satisfação de necessidades potencializado pelas tecnologias de informação, os jovens não mais conseguiriam sentir, pensar, nem agir de forma a se debruçarem sobre qualquer coisa que exija que eles se aprofundem. O sofrimento - que é um sentimento que demanda tempo, que precisa ser vivido e experimentado em profundidade, para poder ser ressignificado e abrir espaço para construção de possibilidades de enfrentamento- passa a ser insuportável de se lidar. Na tentativa de aliviar o desconforto que se instala, esses sujeitos podem recorrer a tudo que promova alívio imediato: a medicalização do sofrimento, a drogadização que faz “a(dorme) ser¹” e/ou, mesmo, a eliminação da própria vida.

1

Aqui não estamos nos referindo apenas ao verbo transitivo direto e intransitivo adormecer, que significa fazer perder ou perder a sensibilidade física, entorpecer (-se), mas a uma atitude do sujeito de tentar não se abrir à experiência do existir como condição humana.

O sofrimento psíquico, a cultura da alta performance e a fragilização da solidariedade nas universidades

Nas universidades, afetadas pela lógica produtivista e a cultura da alta performance, os sujeitos estão expostos, constantemente, à possibilidade do fracasso. Juntem-se a isso as autocobranças para alcançar patamares exigidos (e desejados), homens e mulheres terminam por tornarem-se cúmplices deles mesmos, num processo deletério de seus modos de sentir, pensar e agir, não vendo sentido no que fazem.

Tudo isso, no entanto, passa-se na esfera do privado, já que o preço que se pagaria por admitir publicamente limites e fraqueza seria a exclusão. Necessariamente, o movimento existencial assumido pelos sujeitos poderá ser o silenciamento do sofrimento que os atormenta todos os dias, assim como a perda de sentido - tal como Sísifo (CAMUS, 1942). Mesmo se esforçando para cumprir metas e darem conta das exigências performáticas contemporâneas nas quais eles mesmos são seus algozes, ao final do percurso se questionam: - “para quê”?

Aqui seria interessante recorrer àquilo que Merleau-Ponty denomina de corpo próprio, aquele que sente sentindo, está aberto à experiência, sendo sempre em situação. O corpo próprio utiliza suas capacidades para organizar um meio significativo para comunicar. Através dele, a fala realiza o pensamento. Poderíamos, então, compreender como o comportamento autolesivo ou suicida, por exemplo, cumpre uma linguagem. E parece-nos que teríamos dois caminhos compreensíveis: o sujeito poder exprimir pela lesão o sofrimento como experiência do corpo e/ou a lesão autoinfringida

poder ser a única forma de, no vazio existencial, o sujeito se sentir vivo, sentinte, vivente.

O silenciamento do sofrimento, como qualquer fenômeno vivido pelo ser humano, poderia, no entanto, saudavelmente ser a experiência silenciosa de si mesmo, que caracteriza a condição humana de ser vivida, experimentada na carne, como corpo vivo, mundano. Mas a consciência perceptiva, que atribui significado às coisas mundanas, que sente vivendo no mundo, para cumprir sua real função, precisa comunicar o sofrimento. Como não pode admitir fraqueza e limites, parece que o sujeito contemporâneo, por exemplo, recorre a uma saída não saudável, mas que concretamente comunica sua dor psíquica: a autolesão, a violência autoinfligida, o corte que sangra, que podem significar gestos que expressam a dor do não sentido.

Costa (2014) lembra-nos que o sofrimento psíquico se manifesta e se expressa no registro do corpo: o sintoma. Esse, tendo uma função simbólica, aparece ao mundo através da linguagem. Ao discorrer sobre isso, o autor cita Roudnesco (2000), para quem o sofrimento se manifesta na contemporaneidade sob a forma de depressão, condição existencial que faz o sujeito desacreditar em qualquer tratamento, e mesmo que busque a todo custo vencer a sensação de vazio que o assola, não se permite tempo de refletir sobre o que o leva a sofrer. Assim, o sofrimento envia o homem a um estado de dificuldade de dar sentido e significado à existência, de carência de ilusão, de falta de amparo para continuar a viver.

Adicionalmente, esse sujeito parece que terá que, na cultura da alta performance, conviver num tecido social e humano fragilizado, já que as formas de ser e estar no mundo promoveram uma degradação deste tecido nas instituições de uma forma em geral. Bauman (2007) e Rocha (2012), ao discorrerem sobre este processo e referirem a fragmentação dos vínculos necessários ao enfrentamento do sofrimento, advertem que a pessoa fica a mercê de si mesma, sendo a única responsável por alçar voos mais altos.

Esse contexto de produção, presente na academia, característico do que se nomeia atualmente de produtivismo acadêmico (LIMA, 2013), termina sendo o tecido em que se compartilham modos de ser que enfraquecem ações solidárias necessárias ao enfrentamento do sofrimento. À mercê de si mesmo, sem poder contar com outro com quem possa dialogar, o sujeito estaria fadado a suportar, na solidão e no silenciamento, as forças destrutivas que o atormentam, e uma delas seria assumir a culpa pelo próprio fracasso.

Além disso, como o foco na cultura da alta performance é a produção e não o sujeito, esse se transforma em coisa e as possibilidades de reconhecimento se limitam ao quanto alguém é capaz de produzir, sem que ninguém se importe com o como se está produzindo. Quem não acompanha esse ritmo é fadado à exclusão e sente-se desestabilizado em termos de identidade profissional. Cassorla (2017, p.8), com sua maestria no campo da psiquiatria, dirá que

o ser humano ataca sua própria capacidade de pensar e sentir, de se colocar no lugar do outro, de modo que as possibilidades de compreender, amar e ser solidário são destruídas, muitas vezes sem que a própria pessoa se dê conta do que está ocorrendo.

Numa perspectiva fenomenológica, podemos arriscar dizer que a falta de solidariedade passaria, então, a comprometer a solicitude necessária ao cuidado instaurador da saúde, pois se compromete o mundo compartilhado da convivência (CAPALBO, 2011). Carente desses espaços de convivência, o sujeito está fadado não só à responsabilização insuperável sob si mesmo, mas também à insuportabilidade do sofrimento. Então, somos levadas a

refletir que o que acontece na academia é uma errância do cuidado. Tal como afirmou Heidegger, “o homem se dissipa e erra sem caminho” (citado em FERNANDES, 2011, p.31), não mais assumindo pelo bem estar de si e do outro, não mais agindo com reciprocidade de existência, característica de uma comunidade que se preocupa com o cuidado.

Então, o que esse sofrimento revela sobre os sentidos do viver “junto com” no mundo acadêmico? Porque, então, se deu a errância do cuidado? Talvez possamos responder essa questão dizendo que a ausência de uma linguagem saudável que ajude o universitário (ou qualquer membro da comunidade acadêmica) a simbolizar sua dor, possivelmente está atrelada à carência de relações interpessoais concretas, sentidas, vividas; no contexto das quais o sujeito fosse impelido a expressar essa dor. Mas ele não encontra eco nas relações, nos olhares, nos gestos de outrem, que o favoreça tecer coletivamente um sentido.

Vale, aqui, questionarmos como o universitário perdeu aquilo que antes constituía um sentido de sua vida: adentrar a academia e alçar voos na carreira profissional? Transformado pela cultura da alta performance, diante das diversas ocupações com as quais se depara, esse sujeito termina dispersando-se do cuidado essencial à vida humana. Atropelado que está pela cadência de um tempo cronológico pautado em metas e alcance de objetivos, ele bloquearia suas possibilidades de ser, e “a existência acaba girando no vazio [...] na busca de segurança, consome o seu próprio perder-se. Podemos chamar toda essa mobilização do existir no cuidar de ocupações de ruína ou queda da existência” (FERNANDES, 2011, p. 25).

Possibilidade de intervenções fenomenológicas de cuidado com universitários

Diante dessa possibilidade de errância no caminhar, propomos espaços de escuta e fala, principalmente em contextos de grupos interventivos. Ao ter a possibilidade de compartilhar experiências e produzir sentidos, uma nova tessitura pode ser possível: onde os participantes possam prestar atenção à corrente experiencial de cada um e de todos.

Como alertam Peixoto e Holanda (2011), “existir é cuidar de ser, cuidar de ser-si-mesmo e cuidar de ser-com-outros; é existência na coexistência” (p.7). Neste sentido, o que propomos como intervenção nas academias de ensino superior são atividades coletivas de cuidado, onde possamos compartilhar experiências e construir coletivamente estratégias de enfrentamento.

A ideia dessa proposta de cuidado-de-si-junto-com-outros está relacionada com o compromisso social que temos como psicóloga, docente e supervisora de estágios, assim como com a necessidade de respeitar a dimensão ético-política do fazer psicológico, tão bem exposta por Goto (2014), quando se refere à evolução nas práticas psicológicas contemporâneas; e defendida por Barreto, Silva e Santana (2016, p. 42-3), que apontam a necessidade de construção de possibilidades de se “olhar e cuidar do humano, de modos mais próximos da sua existência, [para] ampliar o olhar e a escuta e possibilitar que a vida mesma, em sua peculiaridade histórica, atravesse os serviços de saúde”.

O nosso intuito é o de ajudar o corpo sofrido recompor seu vigor, sua saúde, favorecendo um retecer a carne, como nos faz pensar Fernandes (2011): “cuidar de uma tessitura. É tecer e fiar” (p.18). É (co)laborarmos para que os universitários cuidem do próprio cuidado, oferecendo ações clínicas que privilegiam o compartilhamento de experiências, numa perspectiva merleau-pontyana; assim como o diálogo aberto, na perspectiva gadameriana: conversação, negociação, solicitude libertadora (MACÊDO,

2015; BARRETO; SILVA; SANTANA, 2016). É possibilitar espaços para que os sujeitos se apropriem de sua condição histórica e, pelo compartilhamento de experiências, pela cooperação de processos de acompanhamento e escolha estratégica de mudanças, possam construir novos sentidos e fazer valer a vida como valor maior.

Novamente, aqui, é preciso rever a concepção de atividade perceptiva na ótica merleau-pontyana. Ela liga todos os sujeitos ao mundo-da-vida, sendo fundante das relações intersubjetivas. A capacidade perceptiva do ser humano é parcialmente moldada pelo contexto social e cultural em que este está inserido, pois ela é parte de uma experiência global (hábitos, crenças, valores etc). Assim, acreditamos que, ao poder falar sobre seus sofrimentos, nesses espaços compartilhados de escuta e fala, os sujeitos podem eleger sua condição mundana, pois sua experiência não implica em privacidade, pois que é um campo intersubjetivamente partilhável (FERRAZ, 2009), daí que esse compartilhar pode ser dando voz ao sofrimento sentido, pensado, vivido.

Acatamos, assim, as ideias de Ferraz (2009), que propõe que se alguém quer estudar as relações intersubjetivas e culturais efetivas, tem que explorar detalhadamente a linguagem, pois apenas é por essa que a experiência sensível, marcada pelo contexto social, histórico e cultural pode valer como algo universal.

É pela linguagem, portanto, que o homem formula um sentido inédito, podendo criá-lo por meio da palavra. Assim, quando oferecemos um espaço de escuta e fala (co)laborando com os universitários no compartilhamento de sofrimentos, esse compartilhar da experiência permite novas produções de sentido. Para além disso, tal possibilidade interventiva promove um saber intersubjetivo e, assim, pode levar à criação de novas estratégias de enfrentamento do sofrimento, pois, como bem defende Ferraz (2009, p. 67), “todo pensamento se constitui pela mobilização das significações disponíveis rumo a um sentido novo”.

Temos adotado, para tanto, o método da hermenêutica-colaborativa (MACÊDO, 2015), que, pautando-se nas filosofias de Merleau-Ponty e Gadamer, consiste num processo conjunto de interpretação e construção de alternativas, pautado na intersubjetividade e no resgate da consciência histórica, para que os sujeitos envolvidos no processo enfrentem e ressignifiquem seus sofrimentos.

A hermenêutica colaborativa, inicialmente pensada para atuação do psicólogo em clínica humanista-fenomenológica do trabalho, é considerada uma metodologia de pesquisa e intervenção, e vem sendo empregada em oficinas de desenvolvimento de escuta com estudantes de Psicologia, favorecendo aos mesmos a inserção e manutenção em estágios em serviços de saúde (MACÊDO; SOUZA; LIMA, 2018); assim como em grupos interventivos, nos quais os participantes podem, coletivamente, ressignificarem seus sofrimentos e construir estratégias de enfrentamento de suas realidades (SOUZA; MACÊDO, 2018).

As situações de crise levam as pessoas a não saberem o que fazer e, como alerta Barus-Michel (2016, p. 19, tradução nossa), “o significado comum das coisas é perdido ou mesmo destruído”². Em casos em que o sofrimento do universitário é tão intenso e silenciado, a ponto dele não conseguir compartilhar sua dor com outros em um grupo, precisamos, também, ofertar atendimento individual apenas com um estagiário, que se pauta na mesma metodologia, buscando responder imediatamente à emergência.

Constantemente, na região do Vale do São Francisco, onde se localiza o CEPPSI, serviço gratuito ofertado à comunidade, professores, gestores, colaboradores e universitários de várias instituições sofrem o abalo em casos de comportamento suicida (tentativa ou ato exitoso), e nos vemos

2

Le sens ordinaire des choses est perdu ou même détruit.

convocadas ao desafio de encontrarmos possibilidades de atuação em curto prazo de tempo. Passamos, assim, pelo desafio de lidar com o desconhecido e, como clínicos,

somos constantemente convocadas ao estranhamento, retiradas do nosso lugar seguro de saber o que é e o que devemos fazer. Diante disso, é necessário estar disponível para lidar com o desconhecido, com a diferença, assumindo questionamentos que nos levam por outros caminhos para pensar a clínica, a saúde e a doença. Questionamentos que nos levam a interrogar o pensar e pôr em discussão a verdade de tradição assumida, suas premissas que a apresentam como resposta última, não considerando outras respostas e encaminhamentos possíveis (BARRETO; SILVA; SANTANA, 2016, p. 53).

Nesses momentos, vemos que estamos tentando enveredar pelo caminho proposto por Goto (2014), pois oferecemos como possibilidades acolhimento, escuta especializada, orientação e, quando possível, diagnóstico. Infelizmente, a sociedade não compreende que uma crise também é um momento importante e decisivo, no qual mudanças profundas podem acontecer. De certo, não há garantia de mudança, já que as pessoas podem reafirmar o *modus operandi* de funcionamento de uma comunidade, que, como já referimos anteriormente, na sociedade contemporânea, sustenta a exclusão e a repressão.

O que ocorre, geralmente, é que, de um lado, no contexto da universidade, estudantes responsabilizam professores e gestores quanto às pressões acadêmicas; e, de outro, professores e gestores percebem os alunos como não podendo dar continuidade aos estudos. Essa tensão entre perspectivas divergentes e excludentes pode levar as pessoas a rechaçarem-se umas às outras, na tentativa de eliminar o mal estar. No entanto, isso constituiria, na visão de Barus-Michel (2016), uma boa situação para compreendermos o paradoxo da crise e, mesmo diante de uma situação negativa, sermos convocados a nos posicionarmos diante do conflito que se instala, refletindo conjuntamente sobre possibilidades de intervenções frente a situações de crise e sofrimento. Isso favorece que os sujeitos envolvidos possam ser escutados a partir do entrelaçamento político e social que envolve seus discursos (BERTOL; FERREIRA; ROSA, 2016), como também buscar compreender sentidos já produzidos nessa dinâmica e abrir espaço para a produção de novos sentidos e possibilidades de mudança.

Assim, em casos específicos de comportamento suicida de universitários, fenômeno complexo e multideterminado, por exemplo, torna-se fundamental avaliar os fatores de risco e proteção (BOTEGA, 2015), e não apenas oferecer serviços como acolhimento, plantão psicológico ou triagem interventiva.

Temos, para isso, atuado em três grandes frentes: intervenção institucional, grupos interventivos e oficinas pontuais. Para favorecer um trabalho mais qualificado, investimos na capacitação de nossos estudantes extensionistas e estagiários do CEPPSI, prioritariamente para que desenvolvam competências para lidar com situações de crise de sofrimento intenso, ou mesmo comportamentos suicidas (tem aumentado o número de outros universitários com ideação suicida ou que tentaram suicídio há poucas horas ou no dia anterior). Levamos em consideração o proposto por Botega (2015), quanto aos atributos pessoais para o profissional que exerce a função de cuidar de uma pessoa em crise: empatia, espontaneidade, calma confiante e limites de responsabilidade.

As intervenções institucionais, muitas vezes, ocorrem porque situações de crise levam a academia a buscar nossa ajuda e da nossa equipe, que se desloca do CEPPSI para realizar escutas interventivas, reuniões com

professores e gestores de cursos, além de acolhimento em grupo com estudantes. Nesse ínterim, buscamos realizar parcerias estratégicas com a rede de atenção psicossocial de cada região. Ao final de cada processo institucional, produzimos um relatório sobre as experiências para ser exposto em reunião com gestores estratégicos da unidade universitária. Também há orientação a professores e coordenadores por videoconferência em caso de universidades e faculdades mais longínquas.

As oficinas e os grupos interventivos têm revelado que o principal agravante apontado pelos discentes são as pressões acadêmicas cotidianas, enquanto os docentes se queixam de dificuldades de relacionamento no trabalho e pressão por produtividade. Mas há demandas entre os estudantes como distância de casa, conflitos familiares, dificuldades financeiras, falta de perspectiva de futuro, questões inerentes à sexualidade, entre outras. No entanto, em momentos de reunião de grupos, as ações favorecem que as pessoas repensem suas formas de cuidado a fim de superarem suas dificuldades. Também tentamos conscientizar para a importância do trabalho interdisciplinar, considerando os múltiplos fatores que envolvem as situações de crises e as muitas possibilidades de cuidado para além do cuidado psicológico.

Especificamente no que diz respeito a comportamento suicida, temos conseguido ampliar fatores de proteção, tal como propostos por Pinheiro (2015): satisfação com a vida, autoimagem positiva, recursos de enfrentamento, otimismo, estabilidade emocional e estabelecimento de um projeto de vida. Consideramos esses resultados essenciais diante de sofrimentos e crises psíquicas das mais diversas ordens. Portanto, percebemos o quão profícuos são os grupos interventivos e as oficinas de cuidado aqui propostas, no sentido de dinamizar fatores de proteção.

Considerações Finais

O maior desafio dessas experiências de práticas psicológicas tem sido a condição de estudante de quem atua nas ações de cuidado ao universitário em Serviço escola: os futuros psicólogos. Necessariamente que prestar um serviço psicológico a pessoas com realidades sociais muito semelhantes às suas pode vulnerabilizar os cuidadores (BOTEGA, 2015). No entanto, considerando o método proposto, a hermenêutica colaborativa, o fato de compartilhar de uma realidade permite que se compreenda melhor as experiências alteritárias, justamente por que, além da intersubjetividade, nesse diálogo a tradição é algo a favor da produção de sentido, devendo quem intervém saber diferenciar-se naquilo que o afeta como ser-no-mundo-junto-com-outros.

Como condições essenciais a uma afetação não impeditiva da ajuda, a supervisão semanal sistemática, a presença de psicólogos experientes para dar suporte diário aos estudantes de Psicologia que estão na função de cuidar de alguém em crise e o incentivo para que esses estudantes busquem sempre possibilidades de autocuidado são fundamentais, no sentido de que eles possam cuidar de si para cuidar do outro, tomando conta das suas capacidades de cuidar.

De certo que não pretendemos com o presente artigo formulações teóricas sobre o tema discutido, mas sim abrir espaço para que, no atual contexto universitário, no qual jovens enfrentam sofrimento psíquico intenso e passam por crises das mais diversas ordens, reflitamos como podemos sistematizar formas de cuidado, ofertando à comunidade acadêmica possibilidades de que pessoas continuem produzindo sentido,

junto com outras, de maneira mais potencializadora e agregadora de valor à vida humana.

Sobre o artigo

Recebido: 09/02/2018

Aceito: 06/04/2018

Referências bibliográficas

ALVIM, M.B. Corporeidade e trabalho: o corpo-tempo que faz (e se faz) mundo. In: ALVIN, M.B.; CASTRO, F.G. (orgs.). Clínica de situações contemporâneas. Curitiba: Juruá, 2015, p. 51-72.

ANDRADE, A. S. et al. Vivências acadêmicas e sofrimento psíquico de estudantes de psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Out/Dez., v.36, n.4, p.831-846, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n4/1982-3703-pcp-36-4-0831.pdf>>.

Acesso em: 13 ago. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703004142015>

BARRETO, C.L.B.T.; SILVA, E.F.G.; SANTANA, A.M. Saúde e prática psicológica: contribuições da hermenêutica filosófica. In: VIEIRA FILHO, N.G. Crises, processos psicossociais, promoção de saúde. Curitiba, PR: CRV, 2016, p.41-56.

BARUS-MICHEL, J. Crises, situations de crise, dynamiques de crise. In: VIEIRA FILHO, N.G. Crises, processos psicossociais, promoção de saúde. Curitiba, PR: CRV, 2016, p.19-30.

BAUMAN, Z. Tempos líquidos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BERNARDY, T.A.S. et al. Gerações, perfil de carreira profissional e o programa de desenvolvimento industrial catarinense. PDIC 2022/FIESC: resultados esperados pelas indústrias do município de Caçador/SC. Erechim: Editora Deviant, 2017.

BERTOL, C.; FERREIRA, M.B.; ROSA, M.D. A crise como estratégia de velamento dos conflitos sociais: comentando Barus-Michel “crises, situations de crise, dynamiques de crise”. In: VIEIRA FILHO, N.G. Crises, processos psicossociais, promoção de saúde. Curitiba, PR: CRV, 2016, p.31-37.

BOTEGA, N.J. Crise suicida: avaliação e manejo. Porto Alegre: Artmed, 2015.

CAMUS, A. O mito de Sísifo. Rio de Janeiro: Guanabara, 1942.

CASSORLA, R.M.S. Suicídio. Fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução. São Paulo: Blucher, 2017.

COPALBO, C. Maurice Merleau-Ponty: a percepção e a corporeidade – o cuidar do corpo numa perspectiva de totalidade. In: PEIXOTO, A.J.; HOLANDA, A.F. Fenomenologia do cuidado e do cuidar. Perspectivas multidisciplinares. Curitiba: Juruá, 2011, p.33-41.

COSTA, I.I. Sofrimento humano e sofrimento psíquico: da condição humana às “dores psíquicas”. In: COSTA, I.I. (org.). Sofrimento humano, crise psíquica e cuidado: dimensões do sofrimento e do cuidado humano na contemporaneidade. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014, p.21-67.

EWALD, A.P.; MOURA, M.T.C.; GOULART, S.M.S. Psicoterapia e subjetividade: interfaces entre os modos contemporâneos de subjetivação e as demandas de um Serviço de Psicologia. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de

Janeiro, ano 8, n.3, p.807-813, 2008. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v8n3/artigos/pdf/v8n3a17.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

FERNANDES, M.A. Do cuidado da fenomenologia à fenomenologia do cuidado. In: PEIXOTO, A.J.; HOLANDA, A.F. Fenomenologia do cuidado e do cuidar. Perspectivas multidisciplinares. Curitiba: Juruá, 2011, p. 17-32.

FERRAZ, M.S.A. Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty. Campinas, SP: Papirus, 2009.

GAULEJAC, V. O sujeito face à sua história. In: ALVIM, M.B; CASTRO, F.G. (orgs.). Clínica de situações contemporâneas. Curitiba: Juruá, 2015, p. 151-181.

GRANER, K.M.; RAMOS-CERQUEIRA, A.T.A. Revisão integrativa: Sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. Ciência e Saúde Coletiva [Versão on-line], v.16, n.3, 2017. Disponível em: <<http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/revisao-integrativa-sofrimento-psiquico-em-estudantes-universitarios-e-fatores-associados/16374>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

GOTO, T.A. Sofrimento, formação, políticas públicas e realidade brasileira. In: COSTA, I.I. (org.). Sofrimento humano, crise psíquica e cuidado: dimensões do sofrimento e do cuidado humano na contemporaneidade. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014, p.183-200.

HOLANDA, A.F. Por uma clínica fenomenológica do sofrimento: o sofrer é do sofrente e do existente. In: COSTA, I.I. (org.). Sofrimento humano, crise psíquica e cuidado: dimensões do sofrimento e do cuidado humano na contemporaneidade. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014, p. 115-153.

LIMA, R. Os suicídios e a universidade produtivista. Revista Espaço Acadêmico, Maringá, n.149, p. 78-86, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/22070/11718>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

MACÊDO, S. Clínica humanista-fenomenológica do trabalho: a construção de uma ação diferenciada diante do sofrimento no e por causa do trabalho. Curitiba: Juruá, 2015.

MACEDO, S.; SOUZA, G.W.; LIMA, M.B.A. Oficina de desenvolvimento da escuta: prática clínica na formação em psicologia. Revista da Abordagem Gestáltica, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 123-133, ago. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672018000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 set. 2018. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n2.1>.

NETTO, N.B. Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para a psicologia clínica, capítulo I. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (org). O suicídio e os desafios para a Psicologia. Brasília: CFP, 2013, p. 15-26.

PADOVANI, R. C. et al. Vulnerabilidade e bem-estar psicológico do estudante universitário. Revista Brasileira de Terapia Cognitiva, Campinas, v.10, n.1, p.02-10, 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872014000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 jun. 2018. <http://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20140002>

PEIXOTO, A.J.; HOLANDA, A.F. (coords.). Fenomenologia do cuidado e do cuidar. Perspectivas multidisciplinares. Curitiba: Juruá, 2011.

PINHEIRO, W.R.S. Comportamento suicida na escola: para pais e mestres. São Paulo: All Print Editora, 2015.

RIGO, S.C. Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para a psicologia clínica, capítulo III. In: Conselho Federal de Psicologia (org). O suicídio e os desafios para a psicologia. Brasília: CFP, 2013, p. 32-42.

ROCHA, Z.J.B. Violência contemporânea, novas formas de subjetivação e de sofrimento psíquico: desafios clínicos. ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos, Brasília, v.30, n.2, p. 55-66, 2012. Disponível em: <http://www.spbsb.org.br/site/images/Novo_Alter/2012_2/05Zeferino.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2018.

SOUZA, G.W.; MACÊDO, S. Grupo interventivo com genitores (as) de crianças vítimas de violência sexual. Revista da Abordagem Gestáltica, Goiânia, v. 24, n. 3, p. 265-274, dez. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672018000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 09 set. 2018. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n3.1>.